

Além do Mito de Lula, UNE e CUT
Contribuição ao Encontro Nacional de Estudantes
ENE 2006 - Sumaré, SP

Grupo Além do Mito (oposição ao DCE/UFAL)

O Movimento Estudantil e seus desafios

Desde 2002, com a vitória eleitoral de Lula (PT), configurou-se uma nova cena na esquerda brasileira. Esta que em sua grande maioria, sempre pautou suas discussões para as eleições, acabou por ser gradativamente cooptada pela democracia burguesa enquanto era tragada pelo Capital. Faz-se necessário que se identifique o Governo Lula também enquanto produto dos caminhos percorridos por grande parte da esquerda, do direcionamento dado às suas lutas. Aqui constatamos um erro histórico: a confiança nas eleições, fazendo das lutas sociais um trampolim para fins eleitoreiros. O Governo Lula aprofunda o projeto neoliberal e seus aliados da burocracia estudantil (UNE/Ubes) e sindical (CUT) atuam como fiéis escudeiros dos novos administradores políticos do Capital em nosso país.

É num contexto de forte desarme político e de poder de mobilização de estudantes e trabalhadores que nos situamos, não tendo muitas vezes condições de responder de forma considerável as demandas mais imediatas, e no meio estudantil, por exemplo, é preciso que se reconheça que a luta contra a Reforma Universitária não atingiu um nível amplo e satisfatório para que se possa fazer algum enfrentamento mais firme ao Governo. É preciso clareza da situação crítica em que se encontra as lutas e as organizações de classe. É fato que ainda não se superou o golpe no que confere ao poder de organização e luta sofrido por trabalhadores e estudantes, se não feito com a eleição de Lula, mas, sem dúvida, consumado e evidenciado com este fato. É notório que tal fato expôs uma série de posicionamentos e concepções equivocadas, historicamente construídas pelos movimentos, as quais ainda não foram superadas nem mesmo podemos dizer que fim isto pode resultar. Porém, é a atual experiência que vive os movimentos sociais, que possibilita justamente tal superação ou, ao menos, avançar em determinados aspectos.

Não menos importante é ter compreensão que a UNE, se não serve mais como instrumento para catalisar a luta estudantil de forma comprometida com as bandeiras históricas e não pra eleição dos candidatos do PT ou PCdoB, ela tampouco deixará de exercer influência sobre o movimento estudantil. Assim, nada mais oportuno do que a realização do CONEB, unindo os vários setores da UNE para querer reafirmá-la num momento de desgaste tanto de seu Governo quanto dela mesma. Mas não só isso, reafirma também um modelo verticalizado, burocrático. Sua resolução sobre a eleição de sua diretoria, em Congresso e com delegados sendo agora por toda universidade e não mais por curso, aprofunda o abismo entre base e direção. É justamente nessa política de direção que não podemos cair.

Nesse sentido, compreendemos que não basta declarar a construção de um novo movimento estudantil. Este deve ser forjado nas escolas, universidades, em cada luta. Nisso não podemos ter como norte outra coisa senão a construção pela base. Porém, isso deve ser de fato garantido pela socialização do poder de decisão que nossos espaços e organizações se caracterizem e baseado em um debate amplo e qualificado, procurando estabelecer uma relação entre base-direção ou entre os espaços locais e as instâncias de organização nacionais de forma orgânica. Em outros termos, é preciso garantir a construção da política estudantil a partir de suas lutas diretas, com os espaços de reunião da “direção”, “coordenação geral” ou “colegiado nacional” da Conlute, por exemplo, não fazendo a política e sim, coordenando e organizando a política construída na base.

É evidente que entre o ideal e o real existe uma sensível diferença. Sendo que a concepção de política de base deve ser a pedra angular da organização da luta. Uma coisa é o refluxo imposto ao movimento, as condições em que a luta de classes coloca pra se construir a luta, outra coisa é a forma que tomamos para construir nossos embates. É evidente também que não podemos desconsiderar as particularidades de cada local e é justamente por isso que deve-se tomar como norte a garantia do poder de decisão destes.

Contudo, não basta estabelecer formas sem conteúdos. Quando se fala de reorganização do movimento, é preciso que se estabeleçam bases para ela, que responda as necessidades e demandas de trabalhadores e estudantes. Vemos como primordial a construção de uma plataforma comum de bandeiras a serem erguidas e construídas em cada local de atuação. Compreendemos também que se deve aglutinar em torno de uma luta clara de combate ao governismo e reafirmar a luta direta de trabalhadores e estudantes a partir de seus próprios espaços e a posição central que a mesma ocupa nas conquistas de estudantes e trabalhadores.

- * Pela centralidade na organização direta de trabalhadores e estudantes! A luta se decide nas ruas e não no parlamento!**
- * Contra o Governo Lula e suas Reformas!**

Organização das Lutas e do Movimento:

***A Conlute deve ser uma coordenação de lutas** - É preciso também ter paciência, não existem condições para que se almeje a construção de um congresso estudantil para a formação de uma entidade, nem isso é imprescindível. Faz-se necessário que a conlute se firme enquanto referência e coordenação de lutas.

***Núcleos de mobilização** - Formação de núcleos de apoio nos locais onde não existir organização com entidades para articulação do ME nacional.

***Política de base** - Garantir a construção pela base, não atribuindo a uma instância diretiva superior o poder de construção da política estudantil.

***Movimento Estudantil autônomo e classista** - Somos totalmente contrários a qualquer partidarização que torne o movimento estudantil um mero apêndice dos interesses parlamentares. Tomamos também como nosso os interesses da classe trabalhadora.

Educação:

A universidade enquanto produtora de conhecimento e ciência possui importância estratégica a qualquer projeto de sociedade, bem como é preciso ter compreensão que numa sociedade de classes a educação é, sobretudo, ideológica. Assim, a luta travada em defesa da universidade pública põe em questão seu papel perante as demandas sociais. Consideramos que a produção de conhecimento e ciência deve estar voltada para a emancipação plena da humanidade, bem como a necessidade de construção de uma concepção de educação em favor da luta de trabalhadores e trabalhadoras, que possuam a cara e a voz da classe, compreendemos que é sob este horizonte que devemos pautar nossas reivindicações sejam elas as mais simples.

No conjunto da universidade, esta vem sendo submetida a diversos ataques neoliberais, configurado no sucateamento das instituições e precarização do ensino. A política neoliberal mais recente está sistematizada na Reforma Universitária do Governo Lula. A lógica mercantilista e privatista está presente em todo o projeto da Reforma Universitária, posto com bastante eficiência, incluindo avaliação (SINAES), permissão da entrada das empresas e capital estrangeiro – o que já é uma expansão da própria lógica das Parcerias Público-Privadas –, fortalecimento das instituições privadas, corte na assistência estudantil, entre outros.

***Fortalecimento da Assistência Estudantil! Ampliação dos direitos já garantidos e extensão àqueles que não são assistidos!**

***Boicote ao Enade! Contra a adequação da universidade à lógica de mercado!**

***Pelo fim das taxas nas universidades! Abaixo a privatização interna das universidades públicas!**

***Abaixo o ProUni! Pela ampliação das vagas e melhoria da universidade pública e gratuita! Abaixo o funil elitista do vestibular!**

***Passe livre já! A gratuidade do ensino passa pelo seu acesso! Essa luta também deve ser estendida aos trabalhadores e desempregados!**

Combate as opressões:

A discussão de gênero, etnia e sexualidade são imprescindíveis para o movimento estudantil. A partir do momento que a luta é em defesa de uma sociedade justa, luta-se contra as opressões impostas sócio-historicamente. Salvo algumas excessões, o movimento estudantil (ME) não aprofunda esses debates ou restringe a guetos. Efetivar uma luta maior pela emancipação humana significa implementar na prática a oposição à homofobia, ao racismo e ao machismo, precedido de teoria e discussões sólidas e amplas. A Conlute deve vir com esta função de ampliação da luta contra as opressões nos seus fóruns e materiais de divulgação.

Numa perspectiva de fortalecimento do ME é necessário uma interação com os movimentos feministas, GLBTT's e étnicos. Contudo, sem perder o caráter de movimento social que luta por uma sociedade emancipada do jugo do capital.

Muitas mulheres não têm acesso à educação pelas demandas de filhos e trabalho (em casa ou na rua). Portanto, faz-se necessário batalhar por condições que viabilizem a vida acadêmica dessas mulheres, como criação de creches nas escolas e faculdades para estudantes, professoras e funcionárias.

É preciso combater a violência contra a mulher, negros e homossexuais, sejam elas verbais ou físicas. Com punição efetiva e severa dos agressores. É primordial a luta pela assistência integral às vítimas de violência, visando à recuperação física, psíquica e social das mesmas.

Devemos também encampar a luta pelo fim da mercantilização do corpo, bem como da prostituição infantil e infanto-juvenil. Com denúncia e punição os exploradores.

Além disso, devemos atentar para desigualdade salarial entre gêneros, etnias e opção sexual, lutando radicalmente contra a desvalorização do trabalho.

*** Abaixo a universidade elitista, branca, machista e homofóbica!**